



Director literario:

Atchafalpa
PAPIM

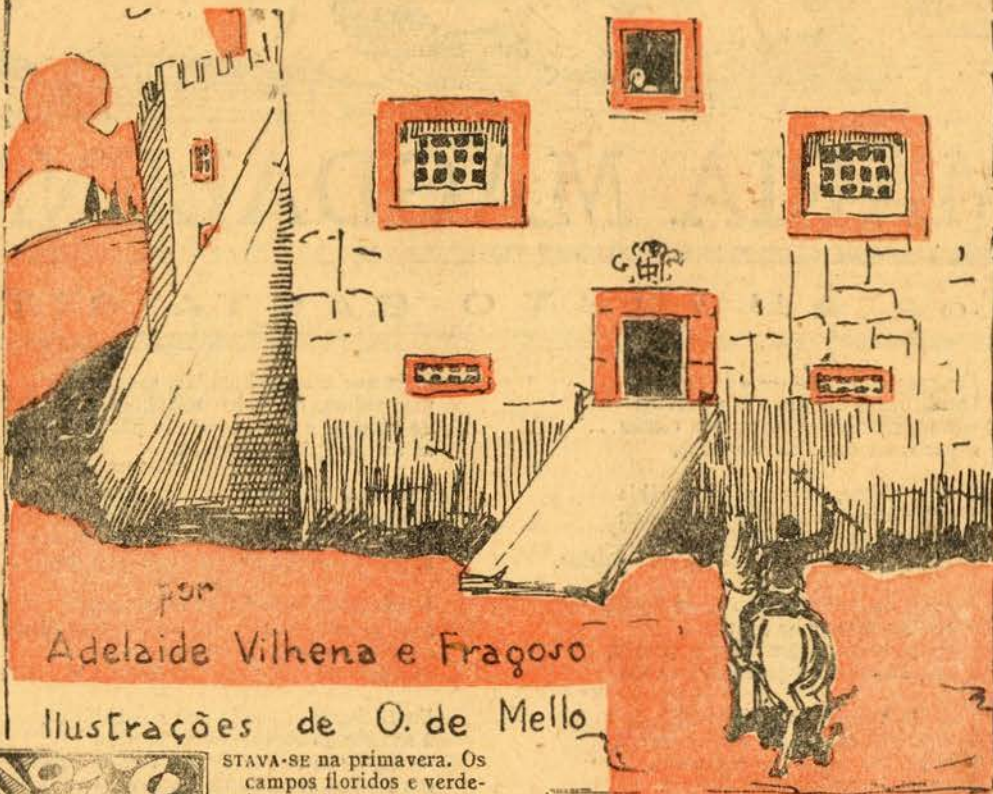
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Atchafalpa
PAPUSSE

BRIOLANJA



por
Adelaide Vilhena e Fragoso

Ilustrações de O. de Mello



mavera em todo o seu resplendor.

STAVA-SE na primavera. Os campos floridos e verdejantes davam uma nota de vida e alegria, os passarinhos chilreavam pelas densas copadas das árvores, as fontes pareciam murmurar canções subtis e até as ribeiras saltitavam mais alegremente pelas pedrinhas lisas e brancas do seu leito. Emfim! Era a primavera em todo o seu resplendor.

Numa dessas manhãs a jovem Briolanja de Vila-bela sentou-se perto da janela ogival da sua câmara e olhava embevecida as flores multicolors que matisavam o prado e cujas pétalas orvalhadas pareciam scintilar como diamantes da mais pura gema.

Mil rumores indistintos iam quebrando o silêncio matutino, rumores de gente por moinhos e atalhos caminhando para o trabalho quotidiano, Aqui uma pequena pastora guardando o seu gado, alem duas

(Continua na página 4)

CONVERSÃO DE



MARIA MAGDALENA

POR AUGUSTO SANTA RITA

Em casa de Simão, — o fariseu — entrou Jesus um dia a seu convite; entrou, sentou-se, conversou, comeu... e por sinal com ótimo apetite.

Simão, atento, ouve a palavra sábia do Rabi dissertando sobre as almas; torna-se rubro o lindo céu da Arábia, branda, a aragem da tarde agita as palmas.

Através da portinha aberta, ao fundo, silenciosa uma judia avança... a trança negra, negro olhar profundo, e uma expressão ingénua de criança.

Todavia a-pesar-do ar infantil, da inocente expressão, doce e serena, qual ovelha fugida ao seu redil, era uma pecadora, é Magdalena.

Maria Magdalena, a que em seu peito, embora pecadora, humilde e pobre, mantinha, sempre vivo, um grande peito pela Bondade, o Amor e quanto há nobre!

Maria Magdalena que, mal soube achar-se Cristo em casa de Simão, ao seu encontro correu logo, sôb o estranho jugo de ideal paixão.

Ei-la que avança, humilde, sobraçando uma redoma de alabastro, cheia de bálsamo e ei-la, agora, os pés lavando ao divino Rabi da Galiléa.

Lava-lhos, sim; mas não com água doce, porém salgada, a água do seu pranto; limpa-os, não com toalha que não trouxe mas sim com seu cabelo e o próprio manto.

Vendo Simão que Cristo consentia, consigo exclama: — «se um Profeta jôra, aí, com certeza, Ele adivinharia que esta mulher é uma pecadora!»

Então Simão, fazendo uns comentários, à atitude do Mestre, ouve, porém: — *Supõe tu que te devem mil denários; um credor novecentos e outro cem.*

Por não terem que dar, supõe que aos dois as dívidas perdas; qual, então, distingues mais?»

— «É ao primeiro, pois é o que mais deve!» lesto, diz Simão.

«Já vês!» — (brada Jesus) — *bem mais credora é Magdalena porque muito amou! Vai-te em paz; pois, embora pecadora, teu arrependimento te salvou!»*



MOINHOS

por J. B. Ventura - desenho de E. M.



O cimo do monte, de velas erguidas no espaço, está um moinho de vento. Todo caiado de branco, parece uma magestosa visão, de mãos erguidas para o céu, suplicando numa misteriosa prece. Todo o dia geme, num cadenciado som que faz cõro com a rouca toada

do velho moleiro, que, a meia voz, entõa uma canção dos seus tempos de rapaz. Vive feliz e passa a vida dentro do seu moinho, onde ganha o «pão de cada dia» para o dar á sua velha companheira, se acaso Deus ainda a não levou para junto de si.

Cai a noite! As nuvens cinzentas que cobrem a atmosfera, não deixam ver o scintilar das estrêlas. A pouco e pouco começa a tornar-se mais densa a escuridão, e a chuva começa a cair em saraivadas. O moinho cessa de gemer, mas o vento, prepassando pelas hastes despidas das velas, articula uns sons monótonos e tristes. O velho moleiro, sentado à la-reira, os cotovelos apoiados sobre os joelhos, as mãos segurando a branca cabeça que melancolicamente vem poisar nelas, pensa... talvez na sua mocidade, nesse passado já tão distante, que jámais voltará,

Tão absorto nos seus pensamentos, que está alheio a tudo o que se passa fóra do seu moinho, do seu companheiro! O sono começou a perturba-lo e foi deitar-se, afastando-se um pouco da lareira já amortecida. Entretanto amanheceu e o moleiro começou a sua faina. Estava um dia lindo, ninguém diria que tinha chovido durante a noite.

Todo o santo dia o moleiro levou a cantar, acompanhado pelo seu moinho. Como a noite estava linda, continuou moendo até que o sono chegasse.

Estava uma lua clara e límpida. As estrêlas não se viam. As brancas velas do moinho, a luz da lua, ainda pareciam mais alvas. E sabeis o que me fez lembrar, o que me fez passar pela mente?!

Ah!... As brancas velas do moinho, à luz da lua, ainda pareciam mais alvas, eram como a vossa nivea cabeça, meus queridos avosinhos!

Afastei-me daquele templo de simplicidade e trabalho, daquele ninho de felicidade, cantando baixinho esta quadra:

Em noites lindas de luar,
As alvas velas dos moinhos
Fazem-me ás vezes lembrar
A tês dos meus avosinhos!

O gemer triste das velas, já mal se ouvia lá ao longe, e, pouco a pouco, deixei de ouvi-lo, mas no meu coração ficou gravada para sempre aquela doce visão e na minha memória o triste som, o gemer cadenciado das velas do moinho!



(Continuação da página 1)

lavadeiras dirigindo-se para o ribeiro que perto corria, acolá um grupo de garotos que, sem terem a noção do que praticavam, começavam a dispôr as armadilhas onde os pobres passarinhos viriam desastrosamente cair.

Briolanja era filha única dos condes de Vilabela, falecidos quando a criança apenas contava três anos. O seu avô paterno, o excelente marquês, recolheu a orfãzinha e desde esse tempo era ela toda a sua alegria. Briolanja era o raio de sol que alimentava a vida do alquebrado velho, sobre cujo corpo já tinham passado uns bons 80 invernos. Podia-se dizer que se o marquês ainda vivia, era porque Deus o desejava como protector da neta.

Bastava Briolanja formular um pequeno desejo para que o bom velho lho satisfizesse imediatamente. A jovem sabia isso e não abusava da bondade e fraqueza de seu avô.

E que mais desejava ela?

Tinha 17 anos e bem raras devem ser as existências que mesmo no meio do infortunio não sintam uma parcela de felicidade, pensando na sua juventude esplendorosa. Tinha o amor de seu avô, amor inigualável. Riquezas, nem sabia a conta das que possuía, muitas léguas em redor do seu castelo tôdas as propriedades lhe pertenciam. Acrescentando a isto uma bondade sem igual e uma formosura deslumbrante, os jovens leitores serão da minha opinião dizendo que Briolanja era felicíssima.

Mas sigamos a nossa narração:

Briolanja continuava admirando as belezas campestres, enquanto seu avô a contemplava a ela, sentado num sofá ao fundo da sala.

— Avô! Vejo ao fim da estrada um cavaleiro que se dirige para aqui. Saberá quem é?

O marquês levantou-se com custo e aproximou-se da janela. O cavaleiro chegou junto ao fôssco que rodeava o castelo.

— E' o conde de Santa-Iria! Ninguém simpatisa com êle. O que virá fazer?!

O recémchegado apiou-se e gritou para o marquês que avistara.

— Senhor de Vilabela! Se a vossa mão não treme empunhai nma espada e vinde bater-vos comigo, Esse castelo, estas propriedades pertencem-me porque foram roubadas por um nosso antepassado. Uns peregrinos que encontrei num cofre secreto revelaram-me esse segredo. Previno-vos que se não quizerdes sair a bem, os meus soldados tomarão o castelo.

— Oh! murmurou o pobre marquês. Aquele homem mente. Este castelo pertenceu sempre à família Vilabela. Que desgraça, meu Deus, que desgraça! Cobarde! Sabes que aqui só há um velho alquebrado e uma frágil criança, ambos incapazes de se defenderem e assim ousas defrontar o nome honrado duma família?

Briolanja não chorava e conservava-se calada. Um lacaio, que se conservava apumado á porta do quarto, alvitrou:

— Se quereis, senhor, levanta-se a ponte...

Foi então que Briolanja pareceu retomar forças e respondeu altivamente ao vassallo.

— O quê? Morrer cobardemente depois de tamanha afronta? Nunca! Saberei mostrar que pertencço á raça de gente nobre e valorosa. Serei eu quem se

irá bater com aquele cobarde que ousou afrontar o nome que uso.

—O que queres dizer, filha? perguntou o marquês assustado.

—O meu dever. O avô não ignora que aprendi a manejar armas com os melhores mestres, apesar de não ter a sua aprovação para isso. Chamou-lhe nessa ocasião: «caprichos de criança animada». Tem agora a prova de que é bom saber de tudo.

—O que esperais, senhor?— gritou o cavaleiro impaciente.

Briolanja afastou o avô num gesto brando e chegou á janela.

—Esperai homem sem honra e sem coração! Deveis estar satisfeito julgando que a vitória será fácil. Enganai-vos porém. Por acaso está entre nós, um amigo de meu avô que se ofereceu para nos desafiar. Em poucos minutos estará aí pronto para o duelo.

—Ah! Ah! Ah! riu-se o cavaleiro. Vou talvez bater-me com uma criança a quem deceparei a cabeça logo ao primeiro golpe.

O marquês, ao ouvir estas palavras, deu um ai e caiu no chão sem sentidos. Briolanja correu para êle e gritou para o laçao.

—Depressa! conduzam, com carinho, meu avô, e levem-no para a sua câmara. Um criado que chame o médico da aldeia.

Inclinou-se para o rosto do velho e pousando-lhe na fronte um terno ósculo, murmurou tristemente.

—Adeus, querido avôzinho! Serei forte; não não desfalecerei e se me salvar terei a felicidade de dizer que nos salvei a nós. Adeus! Até logo, ou até...

Não acabou a frase, porque os soluços lho impediram. Resolutamente voltou as costas ao avô e correu pelo corredor e chamou a sua aia.

—Maria Rosa, preciso de ti! Vamos ao quarto que outrora pertenceu ao meu avô!

As duas entraram na vasta sala. Briolanja abriu um guarda roupa, onde estavam pendurados alguns fatos do marquês que os tinha usado quando ainda era novo. A jovem escolheu um que se parecesse mais com a moda actual e, auxiliada pela aia, trocou as suas graciosas vestes, pelo traje dum mancebo. Os seus cabelos não eram muito longos e fácil lhe foi escondê-los sob um pequeno bonet. Depois foi ao seu quarto e duma gaveta tirou uma pequena mascarilha de sêda, que colou sobre os olhos, na sala de armas, onde tantas vezes dera lições com os maiores mestres estrangeiros, arrancou uma espada da parede e, assim equipada, saiu do castelo tão bem disfarçada que ninguém diria não ser ela um rapaz de viril presença.

—Cobarde! gritou ela para o cavaleiro. Vais saber o que é a minha espada.

—Ah! Ah! Ah! riu-se o outro, cinicamente— E's então tu o valoroso cavaleiro que defende a honra do marquês? Serás tu o galã que intenta conquistar o coração da bela Briolanja? Mas o que vejo eu? Quem és tu que precisa esconder a fronte? Eu, com a minha espada te arrancarei essa mascara vergonhosa.

—Preparai a espada, cobarde!— gritou a jovem.

A luta foi renhida. Os dois adversários eram mestres em esgrima. O conde possuía a força própria dum homem, mas Briolanja aparava-lhe os golpes com verdadeira mestria e dentro dela ardia a chama da vingança. Fez por não perder a presença de espirito e ia tornando muita conta no que fazia. Já não sucedia o mesmo com o conde que, enraivecido, lançava a espada a torto e a direito sem mesmo já dar conta do que fazia. O resultado disso foi ser apanhado pela espada do seu adversário que o feriu gra-



vemente num ombro. O conde caiu e perdeu os sentidos.

Briolanja fez um sinal aos vassallos que anciosos presenciavam a luta:

— Levem o ferido para a sala azul e chamem o o médico que veio para o avôzinho. Depressa! Que está perdendo muito sangue.

E o coração bondoso da linda Briolanja confrangia-se de dor só em pensar no que o seu inimigo estava sofrendo. Enquanto corria para o quarto do avô ia pensando seriamente no que praticara. Se o matei, meu Deus, que horror! Quero a honra do meu nome salva, mas se para isso destruí uma vida, Senhor, o que será da minha alma! Salvai-o, Virgem Maria, salvai-o!

Encontrou o avô já com os sentidos recuperados mas ainda muito fraco.

— Bendito seja o Onipotente. Salváste-te querida filha! Como agradecer-te, anjo adorado, o que fizeste por mim? Expuzete a tua radiosa mocidade, o teu corpo fragil ás fúrias dum louco sem vergonha.

— Não diga isso, vózinho! Só Deus é poderoso e foi ele que nos salvou. Mandei trazer o ferido para a sala azul. Ele é um inimigo, mas está ferido e o nosso dever é dar-lhe pousada até que se restabeleça.

O marquês envolveu Briolanja num olhar de simpatia e admiração.

— Querida filha! Eras digna de viver entre os anjos, tu que pagas com carinhos o mal que te quiseram fazer!

Voltemos agora ao conde de Santa Iria.

As orações de Briolanja encontraram eco junto de Altíssimo. O enfermo não estava em perigo de morte. O médico garantiu a cura certa mas demorada.

As primeiras palavras do conde, logo ao abrir os olhos e tomar a noção das coisas, foram:

— Onde estou eu?

— No castelo de Vilabela, — senhor — respondeu o médico.

— E' lá possível! O marquês poderia dar pousada a um homem que queria tirar-lhe a vida.

— E' possível que assim procedesse, se tivesse os sentimentos do senhor. Mas saiba, cavalheiro, que no castelo de Vilabela não ha lugar para odios e quem lhe bata á porta encontra sempre asilo mesmo que se trate do maior criminoso.

— Mas êsse mancebo com quem me bati, certamente o noivo da castelã, deve nutrir ódio por mim e...

O médico interrompeu-o.

— Engana-se se julga isso. Briolanja não está noiva e para ter a certeza de que o seu adversário não é o futuro esposo dela, basta dizer-lhe que foi Briolanja quem se bateu em duelo.

— O quê? O doutor está a mangar — exclamou o enfermo.

— A mentira nunca manchou os meus lábios. E' verdade o que acabo de afirmar.

— Oh! Como ela teve a coragem para se expôr assim ao perigo!

— Não deve falar mais! ordenou o médico.

O conde obedeceu, mas isso não obistou a que o seu cérebro continuasse em movimento. Parecia-lhe inacreditável o que o médico lhe acabára de contar «Que mulher! pensava êle. Arriscar a vida, quando na sua idade é tão preciosa!» E a pouco e pouco, em face de tão nobre exemplo, o seu ódio pela amfília de Vilabela ía transformando-se numa quasi eneração e respeito.

Passaram-se dias e o enfermo melhorava muito.

Num dia em que se sentiu melhor, pediu para vêr Briolanja. Um laçao foi têr com a jovem que anuiu imediatamente.

Logo que a donzela appareceu á porta do quarto, o conde ergueu as mãos e suplicou com lágrimas aos olhos:

— Perdoai-me, senhora, o mal que vos fiz! Oh! mas eu não sou digno de tamanha misericórdia! Deveis desprezar-me.

— A minha religião não me permite nutrir ódio por alguém. Desde há muito que vos perdoei. — respondeu Briolanja.

— Como sois nobre, senhora, e como eu vos admiro!

E o conde, desprezando-se a si mesmo, caiu sobre a cama e soluçou desesperadamente.

Briolanja para passar o tempo começou a arranjar o quarto. Colocando aquí um móvel, correndo, além, as cortinas das janelas, para velar um pouco mais a luz, etc...

O enfermo agora olhava-a com carinho. Como êle desejaría ter sempre junto de si uma mulher como Briolanja, que o acarinhasse, que lhe tornase o lar confortavel, mas infelizmente, o conde de Santa Iria não tinha familia e o seu castelo apesar de rico, não tinha conforto algum. O rapaz contava 20 anos e nunca conhecera carinhos de pais ou irmãos. A maior parte da sua vida passara-a entre as paredes dum colégio e a sua enorme fortuna só servia para pãdegas, cavalos raros, festas etc. E assim seria para o futuro, se não tivesse tido a felicidade de se lhe apresentar diante dos olhos uma imagem pura e virtuosa que êle invejava para têr sempre junto de si.

Mas poderia o cobarde, o homem sem honra aspirar á mão dum anjo sem pecado?

Como êle amava Briolanja! Mas cheio de vergonha não se atrevia a pedir-lhe que fôsse sua esposa.

No ultimo dia que devia permanecer no castelo tomou a resolução de falar á donzela. Foi quando se encontrou só com ela, que se arriscou a dizer:

— O nosso coração que tão facilmente se abre para o perdão, será ainda tão piedoso que queira dar a felicidade a um desgraçado que sofre desde que teve a ventura de vos conhecer. Acedei a sêr minha esposa e prometo-vos que sereis felicissima.

— Obrigado senhor, por têr sido eu a escolhida para vossa esposa, mas, infelizmente, não possa acedêr a isso. Sou demasiado altiva para querer como esposo o homem que ousou afrontar o honrado nome de minha familia. Convidou-vos senhor a sair immediatamente desta casa.

E Briolanja num gesto digno e altivo, apontou a porta ao seu hó-pede, que se inclinou respeitosa e murmurou por entre soluços:

— Retiro-me, senhora, porque vós mo ordenais, mas jamais vos esquecerei. Talvez um dia tenhais remorsos de ter acabado com uma existência.

— O que ides fazer? perguntou Briolanja assustada.

— O meu devêr. Saudo-vos senhora! e o conde desapareceu. Briolanja fitou por alguns instantes o reposteiro que ondulava, depois deixou-se cair num sofá e soluçou. «Oh! Terei forças para sufocar esta paixão que me devora a alma. Mas o que iria êle fazer, meu Deus? Permite que êle não tente contra a vida». Por aqui se vê que Briolanja não era insensível ao amor do conde e o que queria era deixar de amá-lo.

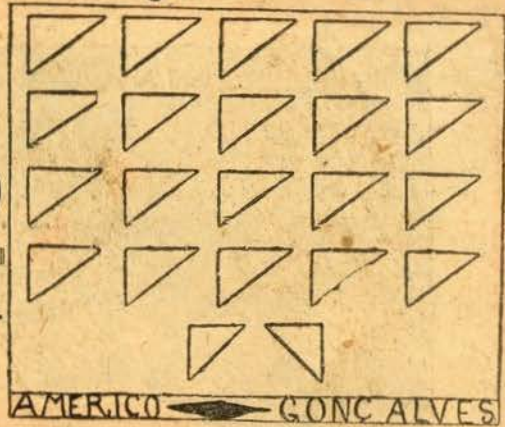
Dêsde êsse dia, a jovem castelã deixou de sêr a criança alegre e despreocupada. A formosa menina andava sempre triste e melancólica e, dia a dia, se via definhar. As suas faces outrora rivaes das rosas tinham agora uma palidez doentia, o que mais fazia sobressair o negrume dos seus olhos que pareciam mais brilhantes.

O avô sofria de vêr a neta assim e tudo tentou para lhe vêr aflorar um sorriso aos lábios descordados, mas em vão! Briolanja entrava nas festas e outras diversões, simplesmente para fazer a vontade ao pobre velho, porque alegria sentia a mesma de sempre.

(Continúa na página 8)

HORA DE RECREIO

Recortar êstes triângulos e formar com êles uma cruz.

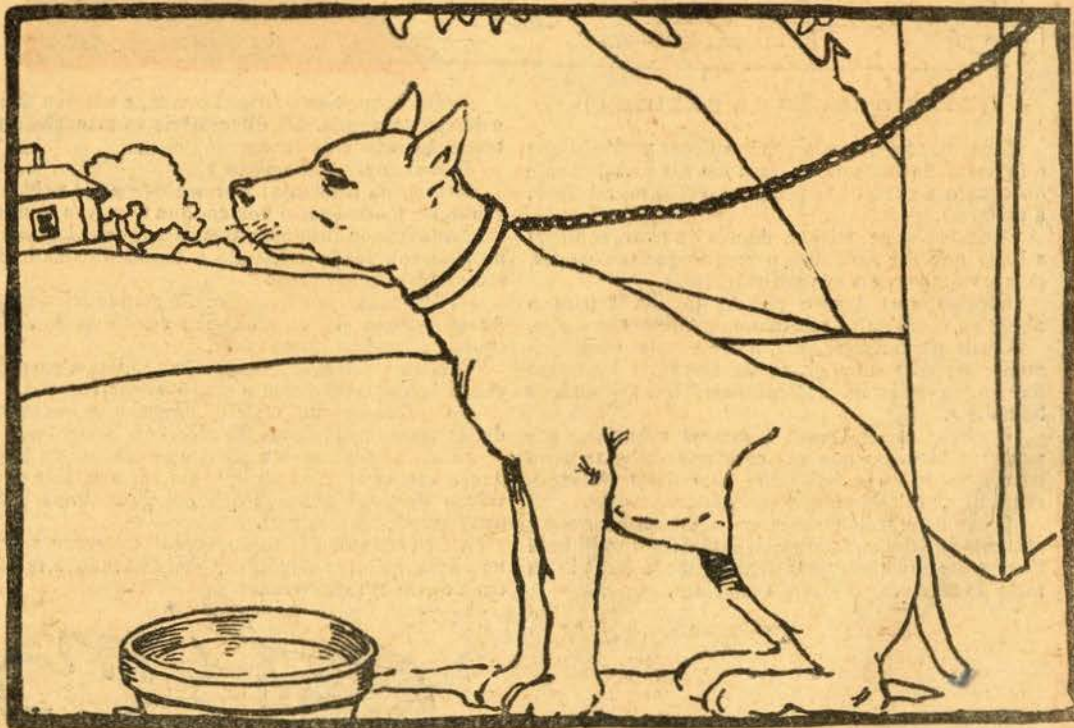


ADIVINHA

Formar palavras com a seguinte significação

- 1.º—Instrumento para jogar
- 2.º—Advérbio de tempo
- 3.º—Conjunto de animais
- 4.º—Músico
- 5.º—Flanco
- 6.º—Substantivo
- 7.º—Adjectivo

PARA OS MENINOS COLORIREM





(Continuação da página 6)

Desesperada por não poder sufocar a paixão que a ia matando lentamente, saiu um dia secretamente do castelo e encaminhou-se para o ribeiro, resolvida a matar-se.

Ajoelhou-se na relva e, depois de rezar, suplicou a Deus que lhe perdoasse o pecado que ia cometer, mas a vida para ela era um martírio.

Escalou uma árvore que se inclinava para o abismo e, num salto resolutivo, mergulhou nas águas.

Como por milagre, um homem saiu imediatamente de trás dum grupo de árvores e lançou-se na ribeira atrás da desventurada. Era o conde de Santa-Iria.

O pobre rapaz levava a mesma vida que a sua amada e sabendo que ela costumava passear perto da ribeira, todos os dias vinha espreita-la na esperança de vê-la como acontecera algumas vezes.

Como bom nadador que era, fácil lhe foi chegar até junto de Briolanja que quasi desaparecia no abismo. Com custo trouxe-a para terra firme e depô-la na relva da margem. A jovem desmaiara.

— Quero que vivas, filha adorada, e não sou só eu a desejar a tua vida. Ela é necessário ao mancebo que teve a felicidade de ser amado por ti.

Depois continuou em voz alta:

— Querida Briolanja! Apresento-te o teu noivo, o conde de Santa-Iria, o homem que te salvou a vida. Aos olhos de Briolanja assomaram duas lágrimas, mas de felicidade e fitando o Cristo iluminado do seu oratório, murmurou:

— Obrigado, meu Deus, por tão grande felicidade. Agora, — disse ela dirigindo-se ao avô e ao noivo — agora... também quero viver.

Briolanja retomou as suas côres sádias e passado pouco tempo casava com o eleito do seu coração.

Nos arredores do castelo, ninguém se lembrava de ter presenciado festas tão alegres e pomposas.

Briolanja continuou a ser o anjo querido do povo que a adorava e mais tarde soube ser uma mãe desvelada de duas crianças que em formosura e bondade sucederam aos pais.

Até os retratos dos antepassados, pareciam sorrir nos seus quadros dourados, presenciando a felicidade dos seus sucessores.

Quando Briolanja recuperou os sentidos viu junto do seu leito, o avô e o jovem conde. O marquês inclinou-se para ela e segredou-lhe:

fim